

O efeito das emoções na interpretação racional

Sebastião Lourenço Santos¹

Resumo: O estudo do efeito da razão e das emoções na interpretação humana pelo viés pragmático se justifica pelo fato de que no âmbito das ciências cognitivas – em particular as que fazem aproximações entre o papel da psicologia das emoções na atuação dos mecanismos racionais que operam sobre a interpretação humana – as investigações que envolvem o uso da linguagem consignada às emoções ainda são bastante tímidas. Tomando como referência a Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 2001), emparelhada aos estudos de Damásio (1994), o objetivo deste estudo é advogar em favor de uma integração mental que congrega razão, emoções na interpretação discursiva. A motivação que norteia o estudo parte do pressuposto de que, na interpretação de enunciados conversacionais, o efeito do significado interpretado não é produto só da razão, mas é também, em alguma medida, afetado pelas emoções e sentimentos. O corpus que subsidia o estudo compõe-se da entrevista de um candidato à presidência da república brasileira no pleito 2018.

Palavras-chave: Emoção. Razão. Relevância. Interpretação.

Introdução

O estudo das emoções e dos sentimentos remonta aos pensadores gregos (com Aristóteles) e latinos (com Cícero), sendo que, no final da década de 80 do século XIX e início do século XX, os estudos da mente ganharam terreno e se fixaram no âmbito da Filosofia (com Descartes, Spinoza, Hume), da Biologia (com Darwin) e da Psicologia (com William James, Freud). As emoções e sentimentos, no entanto, permaneceram obscuros às ciências cognitivas, principalmente na era behaviorista, uma vez que os psicólogos de plantão estavam mais interessados nos estudos da psicologia experimental, que, geralmente, consistia em analisar dados verbalizados pelos pacientes. Esse método perdurou até os anos 80 do século XX, quando se intensificaram os estudos da cognição, auxiliados pelo computador. Foi nesse período que o estudo das emoções e dos sentimentos teve sua guinada científica e entrou de vez para a academia e para a história. Na década de 90 foram publicadas três obras cruciais que impulsionaram as investigações sobre a mente e as emoções: *O erro de*

¹ Doutor (2009) em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Professor Adjunto do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, Brasil. E-mail: lorecutp@hotmail.com  <https://orcid.org/0000-0001-5340-3362>.

Descartes: emoção, razão e cérebro humano, de António Damásio (1994), *Inteligência Emocional*, de Daniel Goleman (1995) e *O cérebro emocional: os misteriosos alicerces da vida emocional*, de Joseph Ledoux (1996).

Embora os estudos sobre emoções tenham avançado substancialmente e influenciado as pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento, atualmente qualquer investigação que pretenda tratar do assunto deve seguir com cautela, pois o terreno é complexo e delicado. Na perspectiva cognitivista da pragmática, no tocante ao processamento da linguagem, apostar apenas na racionalidade como eixo norteador da interpretação humana é, no mínimo, uma postura metodológica arriscada, pouco produtiva e incompleta. A Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 2001), por exemplo, embora seja um modelo arrojado de conceber a comunicação, ao centrar o processamento interpretativo apenas na razão e na informatividade dos enunciados, ignora uma parte das operações cognitivas, limitando a interpretação à metade.

Como em situações de interação verbal a linguagem cria uma complexa rede discursiva, na qual os interlocutores, dependendo da tonalidade prosódica e rítmica dos enunciados, são fortemente influenciados por fatores extralinguísticos, tais como conhecimento de mundo, posições e distâncias sociais, crenças e valores socioculturais, experiências e vivências idiossincráticas, a hipótese que guia este estudo é a de que o processamento interpretativo humano contempla tanto efeitos informativos quanto efeitos emocionais. Por esse viés, a partir da perspectiva de que a linguagem verbalizada coloca razão e emoção em ação, o objetivo do estudo é defender a ideia de que, na interpretação de enunciados conversacionais, o efeito informativo racional e o efeito psicológico emocional pertencem a domínios mentais comuns.

A sustentação da ideia de que o efeito informativo de interpretação é cognitivamente coligado à afetividade humana tem como suporte basilar a Neurociência Cognitiva (GAZZANIGA; IVRY; MAGNUM, 2006 e DAMÁSIO, 1994) assim como a Psicologia Cognitiva (LEDOUX, 1996 e STERNBERG, 2010), vertentes essas que, de uma forma ou de outra, mantêm vínculos teóricos bastante coerentes com os pressupostos cognitivo-racionais da Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 2001). Metodologicamente três questões norteiam o estudo: a) como teorizar as emoções na perspectiva linguístico/pragmática? b) sendo as emoções uma manifestação de foro íntimo, privativo, como, por meio da linguagem, trazê-las para a esfera pública? c) como e em que medida o

efeito emocional afeta ou altera o efeito racional (e vice-versa) na interpretação de enunciados? O corpus que subsidia o estudo compõe-se da entrevista ao canal Globo News, de Jair Messias Bolsonaro, candidato à presidência da república brasileira no pleito de 2018.

O caso das emoções e dos sentimentos na linguística

O modelo teórico proposto por Sperber e Wilson (2001), conhecido como Teoria da Relevância (TR), aposta na racionalidade humana como construto operacional do comportamento comunicativo. Segundo os autores, na interação comunicacional a racionalidade tende naturalmente a selecionar os estímulos que são potencialmente mais relevantes e a processá-los de maneira mais produtiva. Nesse modelo, a cognição humana se orienta por uma busca natural de alto efeito contextual (benefício) com um mínimo de esforço (custo) de processamento de enunciados. Essa relação entre efeito e esforço é a ideia basilar do conceito de relevância na TR. Isto significa que quanto maior o benefício e menor o custo de processamento, maior é a relevância de um enunciado.

Nessa perspectiva o processamento cognitivo humano é entendido como uma vocação natural de raciocínio complexo integrado a uma base de cálculo mental sobre uma lógica inferencial não trivial², cálculo esse que combina informações novas com informações armazenadas na memória enciclopédica e deriva conclusões válidas. Por esse viés, o processamento interpretativo humano, sendo ostensivo-inferencial, cessa quando o efeito racional de interpretação informativa atinge a relevância ótima.

No entanto, ao embasar-se teoricamente apenas na razão como elemento propulsor do processo dedutivo-inferencial, a TR reinventa Descartes e se caracteriza como cartesiana – o corpo sem mente aponta para ideia de que a razão é desligada/desconexa da emoção. Essa visão “descorporificada” do raciocínio humano prediz que, em intercâmbios conversacionais, os seres humanos são desprovidos de modulação prosódica e seus enunciados são massivos, uniformes e com a mesma escala rítmica, sonora e melódica.

Com base nesses argumentos, Costa (2005) levanta um quadro bastante interessante de contextos discursivos que põe em xeque a ideia relevantista de que a razão por si só comanda

² Operação inferencial de interpretação na qual as premissas constituintes do *input* não precisam ser verdadeiras, mas válidas.

o processo ostensivo-inferencial de custo/benefício (efeito) humano. De acordo com o autor, o clichê afetivo “eu te amo” do discurso amoroso não é compatível com o conceito de relevância informativa, pelo menos não do modo como é previsto pela TR. Segundo Costa, neste caso a informação é a mesma nas suas diversas ocorrências, já que não há maiores benefícios informativos, pois o custo operacional do processamento do enunciado amoroso não parece compensado pelo princípio de relevância.

Portanto, assumir que benefícios emocionais guiam o processo cognitivo é uma ameaça interna ao nível metodológico da TR, uma vez que, segundo Costa, a relação custo/efeito de processamento interpretativo faria parte de um processamento dedutivo trivial. O princípio da trivialidade sugere que a relevância de toda e qualquer interpretação discursiva é determinada por benefícios emocionais. Em tal caso, a anuência de benefício afetivo e a hipótese de baixo custo da relevância emotiva enfraqueceriam os alicerces que sustentam os pressupostos da TR e jogaria por terra a noção de relevância, uma vez que o efeito racional sempre estaria, digamos, “contaminado” pelo efeito emotivo.

Carston e Wilson (2019), no entanto, afirmam que enunciados como o apresentado por Costa são negligenciados pelos estudos pragmáticos, uma vez que o agendamento da pragmática privilegia estudos focados na indeterminância, na indiretividade, na ironia ou na vaguedade dos enunciados. As autoras explicam que o efeito de interpretação provocado por este tipo de enunciado se insere no que Moeschler (2009) classifica como “efeito não-proposicional”. Para Sperber e Wilson (2001), o efeito não-proposicional faz parte de um leque de efeitos determinados pelas implicaturas fracas, as quais derivam efeitos “poéticos”.

Por uma teoria pragmática das emoções

O principal propósito deste estudo é fundamentar a ideia de que a relevância em um ato comunicativo pode ser concebida como uma ponte entre a psicologia emocional – que atribui valores diferenciados às representações mentais – e a psicologia racional – que opera a partir da valoração das representações contextuais. Consequentemente, subordinada a essa conjectura, a hipótese que sustenta este estudo se ancora na ideia de que o efeito (ou benefício de interpretação) do processamento inferencial informativo de um enunciado, tal como é preconizado pela TR, está numa relação de contraparte cognitiva de

constituição do significado inferido. A base dessa contraparte cognitiva é assentada essencialmente sobre as emoções e os sentimentos humanos.

A Neurociência Cognitiva (GAZZANIGA; IVRY; MAGNUM, 2006 e DAMÁSIO, 1994) fornece pistas bastante sólidas sobre como as emoções afetam e influenciam a cognição humana e, em consequência, a comunicação. Nesse quesito, Damásio (1994) enfatiza que as emoções se coadunam com o processo de decisão sobre o raciocínio humano e afetam diretamente a interpretação de enunciados. Para o neurocientista,

Conhecer a relevância das emoções nos processos de raciocínio não significa que a razão seja menos importante do que as emoções, que deve ser relegada para o segundo plano ou deva ser menos cultivada. Pelo contrário, ao verificarmos a função alargada das emoções, é possível realçar seus efeitos positivos e reduzir o potencial negativo. Em particular, se diminuir o valor da orientação das emoções normais, é natural que se queira proteger a razão da fraqueza que as emoções anormais ou a manipulação das emoções normais podem provocar no processo de planejamento e decisão (DAMÁSIO, 1994, p. 252).

Essa postura teórica de Damásio me leva à seguinte conjectura: que cognitivamente o processamento humano de interpretação de enunciados é interfaceado por duas instâncias mentais³, a saber: a) a primeira instância é ancestral à espécie humana e é especializada na afeição adjungida aos inputs sensoriais (LEDOUX, 1996) – nesse sentido, o processamento de interpretação humana aponta para uma base cognitiva de relevância emotivo-afetiva; b) a segunda instância foi moldada pela evolução e é extremamente competente no raciocínio dedutivo-inferencial de informações (MERCIER; SPERBER, 2017) – por esse viés, o processamento interpretativo humano é uma atividade cognitiva de relevância informativa (SPERBER; WILSON, 2001).

Vale ressaltar que não há na literatura especializada um consenso sobre quantas e quais sejam as emoções, pois dependendo da perspectiva teórica adotada, elas podem variar de quatro a oito e transitam entre as variantes: amor, alegria, felicidade, tristeza, raiva, nojo, medo e surpresa. Enfatizo também que não há um consenso quanto aos níveis emocionais

³ Psico-cognitivamente há outras instâncias mentais que se interconectam com a interpretação racional-emocional humana, tais como a humorística e a irônica.

humanos, sendo os mais explorados os níveis referentes às pré-emoções, emoções básicas, primárias, secundárias, terciárias e de fundo.

Para o senso comum, geralmente as emoções se confundem com os sentimentos. Na perspectiva evolutiva, porém, a emoção é uma reação cerebral adaptativa a uma mudança situacional, constituindo o sistema de defesa do indivíduo (GAZZANIGA; IVRY; MAGNUM, 2006). Para fins didáticos, neste estudo conceituo emoções como sendo reações psico-orgânicas sensíveis a percepções experienciais voláteis, novidadescas, não conscientes, comandadas pela mente, mas não por ela controladas, diante de uma situação excitante repentina. Damásio (1994), por sua vez, explica que o sentimento é a experiência mental subjetiva da excitação emocional perturbadora, isto é, a representação, a vivência, a memória, a consciência da emoção. O quadro abaixo ajuda a melhor esclarecer a diferença/semelhança entre emoções e sentimentos.

Pré-Emoções	Emoções Básicas	Emoções Cognitivas	
		Sentimentos Primários	Sentimentos Secundários
BEM-ESTAR (Conforto)	Felicidade	Contentamento	Amor
		Satisfação	Alegria
MAL-ESTAR (Desconforto)	Medo	Ameaça	Vergonha
		Ansiedade	Ciúme/Inveja
	Raiva	Irritação	Fúria
		Frustração	Desprezo
	Tristeza	Decepção	Luto
		Prostração	
	Nojo	Repugnância	Náusea
		Asco	

Quadro 1 - emoções e sentimentos

Fonte: Adaptado de Newman e Zink (2013)

Neste estudo não tratarei das pré-emoções e das emoções básicas por considerar que estas não atuam diretamente na interpretação de enunciados, uma vez que elas denotam uma relação atrelada às reações corpóreas (LEDOUX, 1996 e NEWMAN; ZINK, 2013). Para Ledoux a integração entre o sistema de defesa humano e a consciência das experiências vividas resulta na representação subjetiva da emoção, representação essa que Damásio conceitua como “sentimento”. Desse modo, partindo do quadro acima, meu foco mira as

emoções cognitivas (os sentimentos), que representam os estados mentais das experiências vividas emocionalmente, ou seja, a memória emotiva. Portanto, neste estudo, quando me reporto às emoções, tenho em mente as representações das experiências emocionais contidas nos sentimentos.

Concernente à linguagem, parece bastante coerente presumir que em situações comunicativas cotidianas a hipótese mais plausível é a de que enquanto o processamento de interpretação racional cessa quando a intenção informativa do falante é reconhecida pelo ouvinte (o efeito informativo atinge a relevância ótima, conforme a TR), o processamento emotivo de interpretação fica latente na mente desse ouvinte (o efeito emotivo tende à maximização positiva ou negativa da afetividade). A conclusão preliminar a que se pode chegar após comparar o estudo de Damásio com os postulados da Teoria da Relevância é a de que a interpretação humana demanda dois tipos de efeitos, ou benefícios, mentais correlatos à relevância dos enunciados: a) efeito informativo, e b) efeito emotivo.

Se minhas convicções estiverem corretas, como penso que estão, é sensato postular as seguintes presunções: a) se para a TR as representações conceituais das informações processadas formam a memória enciclopédica, as emoções cognitivas (sentimentos), contendo as representações afetivas vivenciadas, formam a “memória emotiva” do indivíduo; b) e, se na interpretação de enunciados, a memória enciclopédica é fonte de informações antigas para o processamento de novos inputs, a memória emotiva também é, em maior ou menor grau, fonte de conteúdos emocionais correlatos aos mesmos inputs. Partindo dessas premissas, posso presumir ainda que, cognitivamente, a memória enciclopédica engendra a memória emotiva sobre a relevância de interpretação para determinados enunciados.

Mas, pragmaticamente o que é a relevância emotiva?

A relevância emotiva (RE) é uma instância psico-cognitiva de ação/reação mental que, conjunta à relevância informativa, atua na modelação da interpretação humana e tem como meta a valoração gradual do potencial emotivo-sentimental disparado por enunciados conversacionais. Esse potencial é flutuante e opera em uma escala de valência cognitiva, a qual é modulada em graus de emotividade correlatos a uma, ou mais, variável afetiva contida na memória emotiva, de modo que a relevância emotiva de interpretação é maximizada positiva ou negativamente, para mais ou para menos. Assim como na interpretação informativa há uma correspondência direta entre a relevância informativa e o efeito

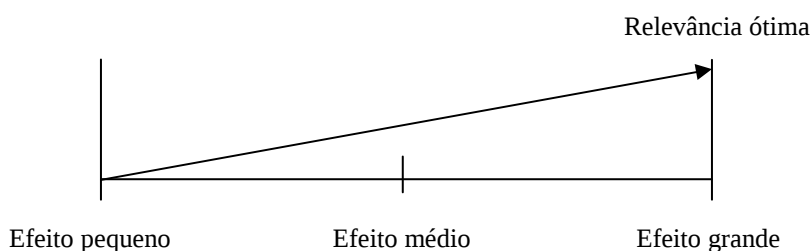
informativo, do mesmo modo na interpretação emotiva, a relevância emotiva determina o efeito emotivo⁴.

Vale reforçar a ideia de que defender um componente emotivo para a interpretação racional humana é coerente com a proposta cognitivista da linguagem, uma vez que há casos em que a interpretação de um *input* linguístico é uma condição do estado emotivo do indivíduo e varia do grau máximo e mínimo positivo ao máximo e mínimo negativo. Para melhor sintetizar essas ideias, apresento os seguintes enunciados:

- (1) O João come morangos;
- (2) O Pedro come minhocas.

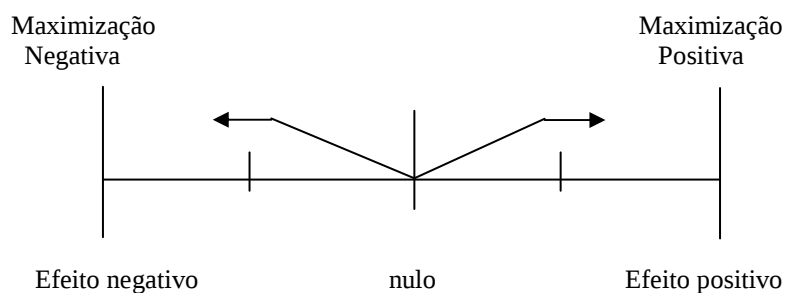
Embora os dois enunciados estejam dissociados de qualquer contexto discursivo, mentalmente a interpretação de ambos os enunciados corresponde a atos de fala que representam à descrição de estados de coisa no mundo correlatos às atitudes e preferências alimentares de João e de Pedro. Portanto, parece naturalmente defensável que, na cultura brasileira, enquanto a interpretação do enunciado (1) implica um efeito informativo-emotivo positivo a respeito do João, o enunciado (2) dispara um efeito informativo-emotivo negativo. Ilustro, na figura 1, o processamento mental do efeito da relevância informativa (RI) e o efeito da relevância emotiva (RE) para enunciados conversacionais.

A) Otimização da Relevância Informativa (RI)



⁴ Embora representem performances mentais diferentes no processamento interpretativo humano, RI e RE não são duas relevâncias distintas, posto que ambos os conceitos são constituintes de atribuição de relevância aos efeitos informativo e emotivo de interpretação. Esses conceitos, no ato da interpretação, constituem a relevância atrelada à atenção consciente, aos interesses, intenções e desejos do interlocutor imputados aos seus enunciados.

b) Maximização da Relevância Emotiva (RE)

**Fig. 1** – Efeito do processamento de *inputs* linguísticos

Fonte: criação do autor

A primeira observação que faço dos dois gráficos da figura 1 é que, em (a), enquanto a RI tende à **otimização** do efeito informativo, em (b) a RE tende à **maximização**, positiva ou negativa, do efeito emotivo. Isto significa que a RE potencializa o efeito emotivo tanto positivamente ao máximo ou ao mínimo quanto negativamente ao máximo ou ao mínimo.

Vale notar ainda que a diferença entre **otimização** e **maximização** é que para a TR, na interpretação de um enunciado, a otimização da relevância informativa (RI) remete à ideia de “efeito informativo na medida certa”, isto é, o processamento inferencial informativo cessa quando a interpretação atinge a relevância informativa ótima e o efeito informativo é grande (relevância informativa satisfeita). Já, de acordo com a proposta que defendo neste estudo, na interpretação de enunciados, a maximização da relevância emotiva (RE) é modulada em “níveis potencias de emotividade”, ou seja, o efeito emotivo é flutuante e varia de acordo com o contexto mental emocional do(s) interlocutor(es). Na perspectiva atitudinal de polidez, enquanto o efeito emotivo positivo tende a comportamentos de aproximação, o efeito emotivo negativo tende a comportamentos de afastamento (BROWN; LEVINSON, 1987).

Isto significa que a manifestação da RI ou da RE sobre o(s) efeito(s) interpretativo(s) de um enunciado, ou de ambas simultaneamente, não obedece a nenhum princípio de proporcionalidade direta – se a RI aumenta ou diminui, o efeito da RE aumenta ou diminui na mesma proporção. Tampouco se aplica a elas o princípio da reciprocidade intrínseca, em que uma modificação em uma delas influenciaria a outra diretamente e vice-versa. Como se verá

mais adiante, a RI pode modificar a RE informativamente, mas a RE não influencia a RI emotivamente. O que pode ocorrer, no entanto, mesmo na ausência de um *input* de entrada, é de a RE, movida por uma evocação alimentada por conteúdos da memória emocional, disparar um processo inferencial que venha a produzir um efeito relevante capaz de reconfigurar a representação do conceito armazenado na memória enciclopédica. Neste caso, o que muda é a representação do conceito, mas a informação preliminar sobre ele permanece inalterada.

O que deve ficar evidente e claro é que se a interpretação de um enunciado for de caráter estritamente informativo e ocorrer somente no nível da relevância informativa (RI), todo o aparato de competência emotiva fica em *stand by*. Não significa, contudo, que ele seja desligado do processo de interpretação; simplesmente ele não é requisitado para essa interpretação. Processo idêntico ocorre no âmbito da interpretação estritamente emotiva (RE), do tipo “eu te amo” de que trata Costa (2005). Neste caso o aparato informativo fica em *stand by* por não atuar nesse processo interpretativo.

Pois bem, e como esse aporte teórico se aplica à prática de interpretação discursiva? Analisemos a entrevista de Jair Bolsonaro, ao Canal Globo News, da Rede Globo, no dia 03 de agosto de 2018⁵. Estavam presentes os jornalistas Miriam Leitão (mediadora), Gerson Camarotti, Roberto D’Ávila, Valdo Cruz, Mário Sérgio Ponti, Andreia Sadi, Merval Pereira, Cristiana Lobo e Fernando Gabeira. No trecho compreendido entre 1h30m54s até 1h33m09s, o assunto versava sobre o auxílio moradia que o candidato recebia da Câmara dos Deputados, mesmo tendo um apartamento próprio em Brasília. A palavra estava com Gerson Camarotti.

CAMAROTTI: Candidato, do ponto de vista, agora... vamos analisar o que o senhor se chama que é novo, que tem práticas novas... eu não tô falando de ilegalidade... não tô falando de ilegalidade... agora o senhor receber num período de cálculo aí... cerca de novecentos mil reais... novecentos mil reais é...

BOLSONARO: ???

CAMAROTTI: Se você calcular esse auxílio moradia...

BOLSONARO: Tá ok, tá ok.

CAMAROTTI: Somar.. somar né... o senhor já tendo um imóvel lá em Brasília. O senhor... o auxílio moradia é para morar. Se o senhor já morava não precisava do auxílio moradia. O senhor... o senhor soma novecentos mil reais dá pra que... dá pra dois postos de saúde e uma ambulância. O senhor acha correto isso... o dinheiro público?

BOLSONARO: Vamos lá. O meu apartamento eu mudei agora porque eu preciso fazer reuniões, o meu apartamento tinha setenta metros. Tinha despesa de IPTU e outros mais. Agora você pode ver... Tô te falando o que tá na lei... você acha que é imoral. Eu te pergunto a você jornalista né:

⁵ A entrevista completa está disponível no endereço <https://globosatplay.globo.com/globonews/v/6980297/>.

você recebe como pessoa física ou como pessoa jurídica aqui da Globo... aqui da Globo News?
 Vocês em grande parte...
 CAMAROTTI: O candidato é o senhor...
 BOLSONARO: Vocês em grande parte usam desse artifício pra receber como pessoa jurídica né... pra fugir do imposto de renda...
 CAMAROTTI: Candidato... responda a pergunta.
 BOLSONARO: Pera aí, pera aí...
 CAMAROTTI: Não, não...
 BOLSONARO: Você é tão imoral quanto eu.
 CAMAROTTI: Responda a pergunta candidato.
 Bolsonaro: Você é tão imoral quanto eu.
 CAMAROTTI: Quem é o candidato é o senhor.
 BOLSONARO: Não, mas pera aí...
 CAMAROTTI: Lógico, o senhor que é o candidato.
 BOLSONARO: Você está me acusando de uma coisa...
 CAMAROTTI: Não, eu não estou acusando...
 BOLSONARO: Olha, o meu tá na lei. O meu tá na lei.
 CAMAROTTI: Só estou perguntando...
 BOLSONARO: O teu também é possível...
 CAMAROTTI: Eu queria que o senhor respondesse...
 BOLSONARO: Você... Olha, é tão imoral quanto o teu... quanto à fart... a grande maioria dos jornalistas...
 CAMAROTTI: Deputado eu queria que o senhor respondesse...
 BOLSONARO: Recebe como pessoa jurídica [mistura de vozes]
 MIRIAM LEITÃO: [...] Eu vou fazer um.... [mistura de vozes]
 ROBERTO D'ÁVILA: Deputado...
 CAMAROTTI: O senhor responde com uma acusação...
 BOLSONARO: Tá na Lei...
 ROBERTO D'ÁVILA: Deputado...
 CAMAROTTI: Eu tô perguntando se o senhor acha correto?
 MIRIAM LEITÃO: Não... Por favor, por favor...
 BOLSONARO: Tá dizendo que é imoral?
 MIRIAM LEITÃO: Por favor...
 CAMAROTTI: Não, não tô dizendo...
 BOLSONARO: Tá dizendo que é imoral...
 MIRIAM LEITÃO: Camarotti e Roberto...
 CAMAROTTI: Eu estou perguntando...
 ROBERTO D'ÁVILA: Deputado...
 BOLSONARO: Eu tenho despesa com o meu apartamento... eu pago... eu pago o IPTU do meu apartamento e um montão de despesas...
 MIRIAM LEITÃO: Hã?
 CAMAROTTI: O senhor acha correto?
 BOLSONARO: Mas já tá suprindo os outros que porventura...
 CAMAROTTI: Só tô perguntando se o senhor acha correto assim?
 BOLSONARO: Tá na lei...
 MIRIAM LEITÃO: Eu vou fazer um intervalo agora...
 ROBERTO D'ÁVILA: Deputado...
 BOLSONARO: Agora... ainda bem que o meu grande erro em Brasília é esse. Não viver vendendo voto.
 MIRIAM LEITÃO: Roberto, por favor, eu vou fazer um intervalo agora... eu tenho que fazer um intervalo porque a gente tem... os intervalos aqui... eu volto... voltamos daqui a pouco com o 3º bloco da entrevista do Jair Bolsonaro, candidato do PSL.

Patrick Charaudeau (2007) diz que o discurso político “se caracteriza por um dispositivo que é posto a serviço de uma expectativa de poder” (p. 247) e que a cena política “é um lugar de uma verdade de mãos atadas, de faz-de-conta, já que o que é considerado não é tanto a verdade desta fala, lançada publicamente, mas sua força de ‘verdade” (p. 248). De acordo com Mendes (2007), o discurso na esfera pública é estruturado por cenas sociointeracionais bem mais delineadas do que na esfera privada, o que impõe ao primeiro maiores restrições. Na esfera privada, as manifestações discursivas ocorrem com maior tolerância e as restrições seriam, teoricamente, mais fracas. Nesse sentido, o discurso político pode provocar efeitos excludentes (caso dos imigrantes) ou de inclusão (caso da ideologia de gênero) – o eufemismo, por exemplo, pode mascarar uma emoção e não expor ou revelar um real sentimento.

Da entrevista transcrita pode-se afirmar que, dada à posição política do entrevistado – um deputado federal da república que detém certo poder – o candidato não esperava do entrevistador uma postura interativa tão contundente. Linguisticamente, no entanto, não há no discurso do entrevistador uma elocução principal, isolada, da qual se possa afirmar ser ela a mais relevante para Bolsonaro, haja vista que na interação verbal a interpretação do interlocutor ocorre pela totalidade dos conjuntos das elocuições que perfazem o *continuum* discursivo. No caso desta entrevista, em particular, o *continuum* discursivo evidencia um conteúdo proposicional implícito, tanto de relevância informativa quanto de relevância emotiva, que impacta fortemente a interpretação do entrevistado.

Na sequência, verifica-se que os papéis se invertem e Bolsonaro, de entrevistado, passa a entrevistador, quando diz: “Eu te pergunto a você jornalista né: você recebe como pessoa física ou como pessoa jurídica aqui da Globo... aqui da Globo News?”, o que provoca um efeito emotivo (RE) negativo de conflito em Camarotti. Este imediatamente chama para si a responsabilidade diante da audiência e insiste incisivamente para que o candidato responda a pergunta. A estratégia de Camarotti tem por objetivo minimizar a relevância informativa (RI) de Bolsonaro sobre a pejotização do seu sistema de trabalho na emissora. É o que Menezes (2007) classifica como “intenção manipulatória”, estratégia que tem a função de desqualificar a argumentação do interlocutor e pretender fazer com que esse interlocutor dê consentimento a um juízo de que seu discurso está equivocado ou mal fundamentado. Discursivamente, é uma atitude intencionada que tem o intuito de produzir um efeito persuasivo, efeito esse notadamente da ordem das emoções.

No texto transcrito fica patente o acometimento do efeito emotivo (RE) em detrimento do informativo (RI), quando o entrevistador indaga Bolsonaro sobre o recebimento de verbas de moradia, mesmo este tendo um apartamento em Brasília. No intuito de minimizar a relevância informativa (RI) da pergunta de Camarotti, Bolsonaro faz uso da razão e cognitivamente elabora um discurso em sua defesa, no qual os enunciados tornam mais relevantes ao seu interlocutor o tamanho do seu apartamento particular.

De acordo com esta minha proposta, o processo inferencial, disparado pelo *input* linguístico de Camarotti, na mente de Bolsonaro foi modelado pela RE (maximização da relevância emotiva), que provocou um efeito emotivo substancialmente mais relevante que o efeito informativo (RI), a ponto de desequilibrar a razão do candidato. Neste caso, a RI ficou suplantada pela RE.

Da tabela 1 é possível inferir que a primeira instância mental ativada pelos *inputs* linguísticos de Camarotti é o nível das pré-emoções. Dadas as especificidades emocionais do ser humano, as formas lógicas dos *inputs* atingem o nível emocional “mal-estar” de Bolsonaro, gerando um efeito emotivo de “desconforto” no candidato. Uma vez ativada, essa instância projeta o efeito para o segundo nível emocional, o das emoções básicas. Neste nível, o efeito é categorizado como a emoção “raiva”. Num terceiro movimento, a variável “raiva” chega à cognição, sendo ali permeada pelas representações conceituais da memória enciclopédica e filtrada pelas crenças, pelos valores culturais e pelas experiências de Bolsonaro. Nesse nível, o efeito da emoção “raiva” é categorizado como um sentimento relativo à variável “irritação”, sentimento este que é externado nas atitudes discursivas de Bolsonaro. No limite da interação entre os dois interlocutores, a persistir a discussão, o confronto poderia desembocar na emoção/sentimento “fúria” de Bolsonaro, perspectiva impedida pela intervenção da mediadora Miriam Leitão, que estrategicamente apela aos comerciais/intervalo, rompendo o conflito discursivo.

Considerações finais

Esclareço que esta abordagem metodológica não se aplica à análise da produção de enunciados, tal qual pressupõe a Análise do Discurso, pois tal empreitada demandaria um estudo explanatório a respeito de estados mentais sobre aspectos da personalidade humana,

por exemplo, objetos que não se encaixam na presente proposta. Contudo, é interessante a ideia de que a RE não opera sobre a informatividade da RI: a informação, se houver, permanece inalterável para todos os casos em que a interpretação ocorra no nível emotivo apenas. É defensável, portanto, a ideia de que a RI modifica a RE, fortalecendo-a ou enfraquecendo-a com novos efeitos informativos, mas a RE não modifica a RI informativamente.

Como ficou demonstrado, esta abordagem pode ser útil aos estudos pragmáticos de interpretação humana, pois enquanto a relação “informatividade *versus* emotividade” de expressões não-proposicionais, tais quais as apontadas por Costa (2005), detêm baixo/zero conteúdo informativo e alto grau de emotividade, a interpretação de enunciado retém alto conteúdo informativo e alto grau de emotividade.

Esclareço, também, que o custo de processamento de enunciados como os que aqui apresentei não pode servir de parâmetro para interpretação emotiva, mas o efeito da interpretação, sim. Em termos de fundamentos teóricos, o grande mérito da presente proposta diz respeito à viabilidade de ela estar em consonância com a TR, uma vez que fica preservado o conceito de “efeito” oriundo do processamento informativo inferencial, de modo a não trivializá-lo, isto é, declina a ideia de que o efeito emotivo se interpõe incondicionalmente a todas as situações de interpretação humana, amalgamando o efeito informativo.

Assim sendo, penso que a ideia aqui exposta pode ser útil para explicações sobre todos os casos em que a relevância informativa (RI) por si só parece não ser suficiente para explicar o processo da interpretação. Se assumirmos que no processamento interpretativo há outras formas de efeitos vinculados à interpretação, com baixo custo de processamento, a ideia pode ser expandida para além da RI e da RE e poder-se-ia explicar, por exemplo, todos os casos levantados por Costa (2005), além da interpretação humorística, na qual se sobressai o efeito do humor, bem como a irônica, nas quais a interpretação demandaria uma relevância humorística e irônica, respectivamente.

Referências

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness: some universals in language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CARSTON, Robyn; WILSON, Deidre. Pragmatics and the challenge of ‘non-propositional’ effects. In *Journal of Pragmatics*, Jan. 2019.

COSTA, Jorge Campos da. A Teoria da Relevância e as irrelevâncias da vida cotidiana. In: RAUEN, José Fábio e SILVEIRA, Jane Rita Caetano da. *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão: Unisul. 2005. v. 5. p. 161-169.

DAMÁSIO, António Rosa. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia da Letras, 11ª edição, 2007-1994.

GAZZANIGA, Michael S.; IVRY, Richard B.; MAGNUM, George R. *Neurociência Cognitiva: a biologia da mente*. (Tradução de vários autores). 2ª Ed. São Paulo: Artmed-Bookman, 2006.

LEDOUX, Joseph. *O cérebro emocional: os misteriosos alicerces da vida emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

MENDES, Emília. Prefácio. In MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William e MENDES, Emília (Org). *As emoções no discurso*. Volume 1. Rio de Janeiro: Lucerna. 2007.

MERCIER, Hugo; SPERBER, Dan. *The enigma of reason: a new theory of human understanding*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2017.

MOESCHLER, Jacques. 2009. Pragmatics, propositional and non-propositional effects: can a theory of utterance interpretation account for emotions in verbal communication? In *Social Science Information. Special issue: The language of emotion – conceptual and cultural issues*. Vol 48, nº 3. 2009.

NEWMAN. Albert; ZINK, Alexandra. O jogo das emoções. In: LEAL, G. *O desafio das emoções*. Revista Biblioteca Mente e Cérebro, v. 5, p. 11-21. São Paulo: Duetto, 2103.

SPERBER, Dan; WILSON, Deidre. *Relevância: comunicação e cognição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

STERNBERG, Robert Jeffrey. *Psicologia Cognitiva*. Porto Alegre: ArtMed, 2010.

VITÓRIA, Mara Sizino; SOARES, Adriana Benevides. Estados emocionais e processamento cognitivo: sistemas dependentes? In *Psicologia em Pesquisa*. UFJF, vol. 1(01). P. 15-19, jan-jun, 2007.

YOUTUBE. Bolsonaro: “Globo News”. Disponível em: <https://globosatplay.globo.com/globonews/v/6980297/> - acesso em 03 agosto de 2018.

The effect of emotions on rational interpretation

Abstract: The study of the effect of reason and emotions on human interpretation through pragmatic bias is justified by the fact that within the cognitive sciences - particularly those that make approximations between the emotion psychology’s role in the rational mechanisms of performance

that operate on human interpretation - investigations involving the use of language consigned to emotions are still rather discreet. Taking as a reference the Relevance Theory (SPERBER; WILSON, 2001), paired with the studies conducted by Damásio (1994), the aim of this present study is to advocate for a mental integration that brings together reason, emotions in discursive interpretation. The motivation behind the study assumes that in the interpretation of conversational utterances, the effect of the interpreted meaning is not the product of reason alone, but is also, to some extent, affected by emotions and feelings. The corpus that supports this study is composed by the Globo News' interview with the candidate to the Brazilian presidency, Jair Bolsonaro, in the 2018 election.

Keywords: Emotion. Reason. Relevance. Interpretation.

Recebido em: 30 de novembro de 2019.

Aceito em: 01 de janeiro de 2020.